

Índice

Prefácio de Mónica Baldaque	7
Correspondência Agustina–Régio (1955-1968)	15
Índices e Referências	117

(28/09/1955)

Meu Amigo

Dei hoje graças à Senhora do Desterro porque não se esqueceu de mim. Toda a gente sabia de si, o Eugénio de Andrade¹, a Ilse Losa², enfim, os poucos querubins do crime literário com quem às vezes comunico tinham-no encontrado sempre na véspera, estavam profundamente informados a seu respeito — tinham sempre tão recentes opiniões de si. No dia dezassete pensei escrever-lhe, cheguei a pousar um papelinho na grade da varanda e a escrever parabéns com a letra mais legível do mundo para que a menina do telégrafo não desse em complicar. E estava nessa altura na província, na casa da Sibila³ moribunda, nessa casa maravilhosa em que viver é filosofar, em que o bragal está nas gavetas desmanteladas de mistura com o pão, e as pilhas de maçãs lá continuam no sobrado numa existência profética e renegada a apodrecer sem perder o perfume. Era uma gente viva e lírica mesmo quando praguejava e se munia de calúnias e premeditava humildemente roubar os outros; bastava chegar à porta da cozinha e ver uma criança que corria com um pião levando

1 Um dos mais importantes poetas portugueses do século xx. Nasceu em Póvoa de Atalaia, Fundão, em 1923, viveu em Lisboa, nos arredores de Coimbra e finalmente no Porto, onde faleceu em 2005.

2 Nasceu em Melle, perto de Hanôver, Alemanha, em 1913, e fixou-se no Porto, depois de viver em Inglaterra. A sua principal obra de ficção é *O Mundo em Que Vivi*. Faleceu no Porto em 2006.

3 Casa do Paço em Vila Meã.

uma varinha mágica de tanger o gado, para apetecer rir e chamá-la, perguntar-lhe coisas e largá-la outra vez no caminho como a um pardal que se apanhou no voo. Nos quartos havia uma profusão de mulheres que choravam, intrigavam, comiam, tinham cada uma os seus cúmplices, apiedavam-se entre si e prometiam-se favores — o que era encantador desejavam cumprir e logo atraíam por uma inveja, uma avidez, mas nunca por indiferença. Entretanto, a Sibila morria mais magnificamente do que eu pudesse escrever, com um humor profundo que soltava as gargalhadas das carpideiras, com frases como estas «meu sofrimento, só meu, como o posso contar?!». A vela era a mesma, ou a chama oval e perfeita, a mesma cadeira de parto, havia um ramo de loureiro para enxotar as moscas; às vezes eu ouvia-a dizer: «que viver tão frio e tão triste»... ainda que parecesse ter acabado e não respirava mais. E os primos influentes e cidadãos tinham um tal ar arrebitado de palhaçada quando com um entusiasmo de coração lhe falavam dum futuro, dum passeio, dum outro encontro! No fundo eles próprios se defendiam da sugestão da morte. Isto durou muitos dias, má comida, colchões em que cada palha é uma estria que nos mói a carne, o emparedado daquele monte que contribui para que todos achem o lugar e a quinta «um buraco», mas que dá a sensação de paz que só se encontra na mais sincera limitação. Eu também me fartei daquela agonia como nos aborrecemos, depois de feitas as despedidas, que um comboio demore a partida. E afinal ninguém morreu, houve até uma ponta de decepção. Agora escrevo-lhe depois deste encontro miraculoso na página do *Comércio* e as longas unhas que tinha deixado crescer para arranhar uma memória caíram devagarinho no tapete, aqui estou perfeitamente domesticada aparentando todo um rebanho de bons sentimentos. O que não me impede de alegrar-me um tanto a pensar quanto era mais simples ouvir-me naquelas tardes do Diana Bar do que ler esta carta.

Sua amiga dedicada e grata

MARIA AGUSTINA

Portalegre, 30/12/55

Minha boa Amiga:

Ando para lhe escrever desde que recebi a sua carta — que era, por assim dizer, um pequeno capítulo acrescentado à *Sibila* — depois da publicação do meu artigo n’*O Comércio do Porto*. Mas todo este período de regresso às aulas entre as férias grandes e esta semana e meia do Natal me tem decorrido cheio de trabalhos e preocupações. Cheguei ao fim dele cansado, esta semana e meia não chega para me descansar, e já, dentro de três dias, volto para Portalegre. Aqui vão estas magras linhas só para que não pense que depressa esqueci o nosso breve mas, para mim, tão agradável convívio entre Vila do Conde e Póvoa. Também para lhe dizer que me alegro com o novo triunfo de *A Sibila*⁴, essa enigmática Sibila que ameaça tornar-se campeã de prémios literários nacionais! Finalmente, desta vez, os júris concessores de prémios acertaram. E ainda para lhe desejar que tenha passado um bom Natal na companhia do seu marido, meu amigo, e vossa filha, que um dia terei ocasião de conhecer. Oxalá o ano que vai entrar lhe traga novas obras e novos triunfos, podendo ser; porque, mesmo sem os triunfos imediatos, o mais importante é que vendam as obras! Tarde ou cedo, cedo ou tarde, sempre as obras que valem se impõem. Se eu deixasse de crer nisto,

4 Romance de Agustina Bessa-Luís publicado em 1954; recebeu os prémios Delfim Guimarães e Eça de Queirós.

deixaria de possuir uma das raras crenças que ainda me ficaram. Para quando esse romance de seiscentas páginas?⁵

Eu fiz aparecer, finalmente, o volume terceiro d'*A Velha Casa*⁶ — *Os Avisos do Destino*, que vou ter o gosto de lhe enviar. Sem mais por hoje. Volto dentro de três dias para Portalegre. Com os meus cumprimentos a seu marido, sou este convicto admirador e, se mo permite, já sincero amigo,

JOSÉ RÉGIO

5 Referência ao mais extenso romance *Os Incuráveis* (1956), de Agustina Bessa-Luís.

6 Obra de José Régio escrita entre 1945 e 1966, composta por 5 volumes a que foram aduzidos os rascunhos fragmentários de um projectado 6.º volume.

[*falta a 1.ª página*]⁷

[...] estou mais do que nunca inconformada e cheia de solidão de todas as cores; estou doente, rabugenta, má, impaciente e sem imaginação. Tenho por horizonte na parede um retrato meu, com uma botija verde em cima dos joelhos — é um retrato de convalescente, do outro lado do reposteiro cinzento deve estar um jardim sem Inverno, um jardim de daqui a um milhão de anos. Demorou muito tempo a dar-me notícias. De cada vez que pensava nisso, estou certa que caía um santo dos seus altares, que o levava a evitar lembrar-se de mim. Sempre o seu trabalho, os seus poemas, as suas edições, e agora com a Primavera terá que ver nascer florinhas nos mantos das Sagradas Famílias pastoris nos seus oratórios dourados. Enfim, qualquer deusa sem cabeça lhe merece mais atenção. Veja como estou impliquenta, queixo-me, de resto, de todo o mundo. Ribera⁸ bem podia pintar-me com vestido de esteira, de joelhos numa caverna, com uma caveira e um látego a meu lado, que se notava que eu fazia penitência por todo o mundo, e que me reservava uma confortável serenidade na minha alma exacta. O livro de seiscentas páginas sai na próxima época, mas não é certo até à Páscoa. Estive em Lisboa para tratar disso, e ago-

7 Não foi encontrada a primeira página desta carta.

8 José de Ribera. Pintor espanhol. Játiva, Espanha, 1591 — Nápoles, Itália, 1652.